



CAMINHOS DE APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ENTRE IMAGENS, EVENTOS E HABILIDADES

RUTAS DE APRENDIZAJE GEOGRÁFICO PARA EL 6º AÑO DE LA ESCUELA PRIMARIA: ENTRE IMÁGENES, EVENTOS Y HABILIDADES

GEOGRAPHIC LEARNING PATHS FOR THE 6th YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL: BETWEEN IMAGES, EVENTS AND SKILLS

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, Tocantins, Brasil,
carolinamachado@uft.edu.br

Jaciara Araújo de Moura

Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, Tocantins, Brasil,
jaciaraujo007@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as imagens do livro didático como potenciais recursos ao processo de ensino e aprendizagem da educação geográfica, a partir dos fundamentos de uma educação geográfica baseada na problematização de uma situação geográfica. Considerando que todas as escolas da rede pública estadual de Porto Nacional – TO estão utilizando os mesmos livros didáticos, o recorte da pesquisa foi a coleção didática de Geografia dos Anos Finais do ensino fundamental – PNLD 2020 – escolhida e utilizada pelas mesmas escolas. A discussão teórica que fundamenta a pesquisa ampara-se no debate sobre o livro didático e o ensino de Geografia a partir de diálogos com a BNCC que é o documento norteador não apenas dos currículos estaduais mas também dos materiais didáticos. O trabalho apresenta também uma reflexão sobre o uso da imagem para a compreensão do espaço geográfico e o potencial que as mesmas possuem para a aprendizagem geográfica baseada na ideia de eventos de uma situação geográfica. Foram escolhidas para a empiria do trabalho, e são apresentadas neste artigo, as imagens fotográficas do livro didático do 6º ano. A fundamentação teórica do trabalho é orientada pelas reflexões de Santos (1996, 2013, 2017) sobre o sentido de evento para compreender o espaço geográfico e a contribuição de Silveira (1993, 1999, 2004, 2006) para pensar a situação geográfica enquanto totalidade de um evento a ser estudado.

Palavras-chave: situação geográfica, espaço geográfico, livro didático, BNCC, ensino fundamental.



Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo analizar las imágenes de los libros de texto como recursos potenciales para el proceso de enseñanza y aprendizaje de la educación geográfica, desde los fundamentos de una educación geográfica basada en la problematización de una situación geográfica. Considerando que todas las escuelas de la red pública de Porto Nacional - TO están utilizando los mismos libros, el recorte de investigación fue el acervo didáctico de Geografía de los Últimos Años de la Enseñanza Fundamental - PNLD 2020 - elegido y utilizado por las mismas escuelas. La discusión teórica que orienta la investigación se sustenta en el debate sobre el libro de texto y la enseñanza de la Geografía a partir de los diálogos con la BNCC, que es el documento orientador no sólo de los currículos estatales sino también de los materiales didácticos. El trabajo también presenta una reflexión sobre el uso de imágenes para comprender el espacio geográfico y el potencial que tienen para el aprendizaje geográfico a partir de la idea de eventos en una situación geográfica. Fueron escogidas para el trabajo empírico, y se presentan en este artículo, las imágenes fotográficas del libro de texto de 6º grado. La fundamentación teórica del trabajo está guiada por las reflexiones de Santos (1996, 2013, 2017) sobre el significado de evento para comprender el espacio geográfico y la contribución de Silveira (1993, 1999, 2004, 2006) para pensar la situación geográfica como la totalidad de un evento a ser estudiado.

Palabras clave: situación geográfica, espacio geográfico, libro de texto, BNCC, educación básica.

Abstract: The present work aims to analyze the textbook images as potential resources for the teaching and learning process of geographic education, from the foundations of a geographic education based on the problematization of a geographic situation. Considering that all schools in the state school system of Porto Nacional - TO are using the same textbooks, the research cut was the didactic collection of Geography of the Final Years of Elementary School - PNLD 2020 - chosen and used by the same schools. The theoretical discussion that underlies the research is supported by the debate about the textbook and the teaching of Geography from dialogues with the BNCC, which is the guiding document not only of the state curricula but also of the teaching materials. The work also presents a reflection on the use of images to understand the geographic space and the potential they have for geographic learning based on the idea of events in a geographic situation. They were chosen for the empirical work, and are presented in this article, the photographic images of the 6th grade textbook. The theoretical foundation of the work is guided by the reflections of Santos (1996, 2013, 2017) on the meaning of event to understand the geographic space and the contribution of Silveira (1993, 1999, 2004, 2006) to think about the geographic situation as a totality of an event to be studied.

Keywords: geographical situation, geographic space, textbook, BNCC, elementary education.

Introdução

O objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico, sendo assim, na educação básica, uma das grandes contribuições da Geografia é levar o estudante a ler e interpretar a realidade do mundo a partir da observação dos eventos que ocorrem no tempo e no espaço.

Para que o estudante consiga reconhecer os eventos e interpretá-los, é imprescindível o uso de imagens, como ressalta Kozel (2013) ao afirmar que o ensino de Geografia por meio das representações construídas pelas sociedades é muito importante porque se torna mais significativo principalmente quando este parte da realidade de vida dos estudantes e suas experiências.

É importante ressaltar que, o ensino nas escolas públicas brasileiras ocorre, na grande maioria das vezes, com suporte apenas dos livros didáticos, tidos quase sempre como o único recurso disponível no processo de aprendizagem, o que os tornam “peças fundamentais na educação, porque é, por meio deles, que muitos conhecem o mundo e as suas histórias” (MORAIS, 2014, p. 13). As reflexões contidas neste artigo são parte de uma pesquisa de mestrado (MOURA, 2022) e das reflexões realizadas ao longo da jornada acadêmica das autoras, que a partir das imagens do livro didático analisaram a potência que as mesmas possuem para desenvolver processos de ensino e aprendizagem em Geografia considerando os pressupostos da educação geográfica a partir da situação geográfica como impulsionadora de aprendizagem e promotora dos arranjos necessários para o desenvolvimento do raciocínio geográfico. Dado o limite de um artigo, este trabalho tem como centralidade as imagens fotográficas dos livros do 6º ano do ensino fundamental e a questão que orientou a reflexão foi: Em que medida as imagens dos livros do 6º ano da coleção didática Vontade de Saber Geografia contribuem para pensar situações geográficas que permitam desenvolver as habilidades indicadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para este nível de ensino?

Considerando a importância que o livro didático tem para o ensino de Geografia, as imagens que compõem uma obra didática não são compreendidas apenas como ilustração, mas também como elemento de expressão e representação da realidade, e, por esta razão, tem relevância no processo de aprendizagem da educação geográfica.

Para que o estudante consiga realizar uma leitura e uma interpretação do mundo (que entendemos ser uma das principais funções da educação geográfica na escola), é fundamental desenvolver habilidades que permitam relacionar eventos a processos e fenômenos a partir do desenvolvimento do raciocínio geográfico. Este, segundo Castellar (2019), é um processo

cognitivo construído a partir da apropriação dos conceitos, categorias (espaço, território, lugar, região, paisagem,) e princípios geográficos (analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem) juntamente com questionamentos sobre os fenômenos e processos que ocorrem no espaço geográfico.

No 6º ano do ensino fundamental dá-se o início da ampliação de conhecimentos iniciados nos anos iniciais da educação básica e espera-se que os estudantes possam compreender as transformações do espaço, em território, usado a partir de situações geográficas que permitam refletir sobre os lugares de vivência e os desiguais usos do espaço.

Aborda-se também o desenvolvimento de conceitos estruturantes do meio físico natural, destacadamente, as relações entre os fenômenos no decorrer dos tempos da natureza e as profundas alterações ocorridas no tempo social. Ambas, são responsáveis pelas significativas transformações do meio e pela produção do espaço geográfico, fruto da ação humana sobre o planeta e sobre seus elementos reguladores (BRASIL, 2018, p. 381).

As orientações apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) conduziram ao objetivo da presente pesquisa, que foi o de analisar as imagens do livro didático *Vontade de Saber Geografia* do 6º ano, da Editora Quinteto de autoria de Neiva Torrezani, como recursos facilitadores do processo de ensino e aprendizagem de Geografia. Esse volume didático faz parte da coleção aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) (BRASIL, 2020), alinhada com a BNCC, e escolhida pelas escolas da cidade de Porto Nacional – TO, destinada aos anos finais do ensino fundamental.

As imagens desempenham importante papel para o entendimento dos eventos capacitando os estudantes a compreenderem o espaço geográfico e a estabelecerem relações com o próprio cotidiano.

Desse modo, partindo do objetivo da presente pesquisa, o artigo desenvolve-se por meio de revisão bibliográfica e análise documental, composto de três momentos complementares entre si. De início, apresenta-se uma reflexão sobre o livro didático e o ensino de Geografia: diálogos com a BNCC; Em seguida, pontua-se sobre o uso da imagem para a compreensão do espaço geográfico. E, por fim, investe-se na análise das imagens do livro didático de Geografia, apresentando as possibilidades de desenvolver as habilidades propostas pela BNCC para o 6º ano do ensino fundamental e o potencial de criar situações geográficas.

O livro didático e o ensino de Geografia: diálogos com a BNCC

O livro didático de Geografia é compreendido enquanto recurso didático que proporciona e facilita a aprendizagem de temas e conteúdos que são apresentados ao longo do material com função precípua de oferecer ao professor e ao aluno situações geográficas de fenômenos, eventos e processos que permitam desenvolver as habilidades necessárias e apontadas pela BNCC. Em que pese o livro ter o caráter e a escala nacional, é fato que o mesmo deve proporcionar situações de aprendizagem que permitam ao professor fazer o trânsito escalar para estudar situações, condições e lugares próximos ao estudante, contribuindo para compreender eventos, processos e fenômenos que ocorrem na localidade.

Para Kanashiro (2008) é difícil definir o livro didático, considerando a função que ele desempenha na escola, todo o percurso histórico que ele possui, desde que surgiu e até os dias atuais, e que ele possui finalidade tanto educativa quanto lucrativa, por ser disseminador do conhecimento necessário para a formação do ser humano.

Morais (2014, p. 23) destaca que “o livro didático é elaborado/redigido, de acordo com a ciência específica, que está atrelada à disciplina escolar ao qual ele se destina, e a sua abordagem filosófica vinculada à sua visão de mundo, aos seus direcionamentos e às escolhas temáticas ali tratadas”.

O livro didático atualmente tem o propósito de atender a uma demanda da BNCC que orienta todos os currículos estaduais e municipais do Brasil e não por acaso as temáticas escolhidas, assim como as abordagens apresentadas, dialogam muito mais com situações didáticas sobre temas gerais do que oferecem possibilidades para tratar eventos particulares. Portanto, é imprescindível que o professor utilize o livro didático no processo de ensino e aprendizagem de forma crítica e consciente, sempre relacionando o conteúdo estudado com a realidade de vida dos estudantes para que o ensino seja significativo e faça sentido para os mesmos.

Rosa (2018, p. 383) reforça que:

Ao se considerar a Geografia enquanto componente curricular na escola, parte-se da premissa de um ensino que vai além da simples transmissão de conteúdos. Pondera-se que o papel da Geografia escolar é articular os conteúdos com a ciência geográfica, com a concepção de que o professor é sujeito mediador e detém a autonomia de interpretar, modificar e ressignificar os conteúdos a serem abordados com os alunos na sala de aula.

Callai (2001, p. 13) aponta já há muitos anos que o que deveria mudar no ensino não era o objeto da Geografia que segue sendo o espaço geográfico, mas a forma de ensinar, com

metodologias e procedimentos que permitem revisar o modelo tradicionalista e descritivo por uma proposta que permita reflexão e ação.

Barbosa (2016) afirma que o ensino de Geografia contribui para que o estudante consiga se localizar e tenha uma visão de mundo, além de compreender a organização, a dinâmica e as consequências das intervenções do homem no espaço geográfico.

Diante das mudanças em grande medida impulsionadas pela BNCC (BRASIL, 2018), nos parece cada dia mais fundamental que o professor consiga analisar o currículo proposto pela rede de ensino, e refletir sobre o papel da escola, e os objetivos a serem alcançados para o desenvolvimento das competências e habilidades no ensino de Geografia, visto que, a formação destes e sua passagem por cada etapa da escolarização, dos anos finais do ensino fundamental, ocorrem por meio da progressão de aprendizagem.

A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2018, p. 07).

Na BNCC, o termo competência é entendido como fundamento pedagógico e seu desenvolvimento se dará por meio de:

[...] indicações claras do que os alunos devem saber (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades e atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem saber fazer (considerando a mobilização desses conhecimentos habilidades e atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento das ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (BRASIL, 2018, p. 11).

Entende-se que a competência seja então o saber e o saber fazer, ou seja, é o resultado do que foi aprendido e que dá ao estudante a condição para a realização de atividades e interpretações específicas a partir do que é próprio de cada área e componente, como reforça Ramos (2001) *apud* Cruz (2001) ao afirmar que:

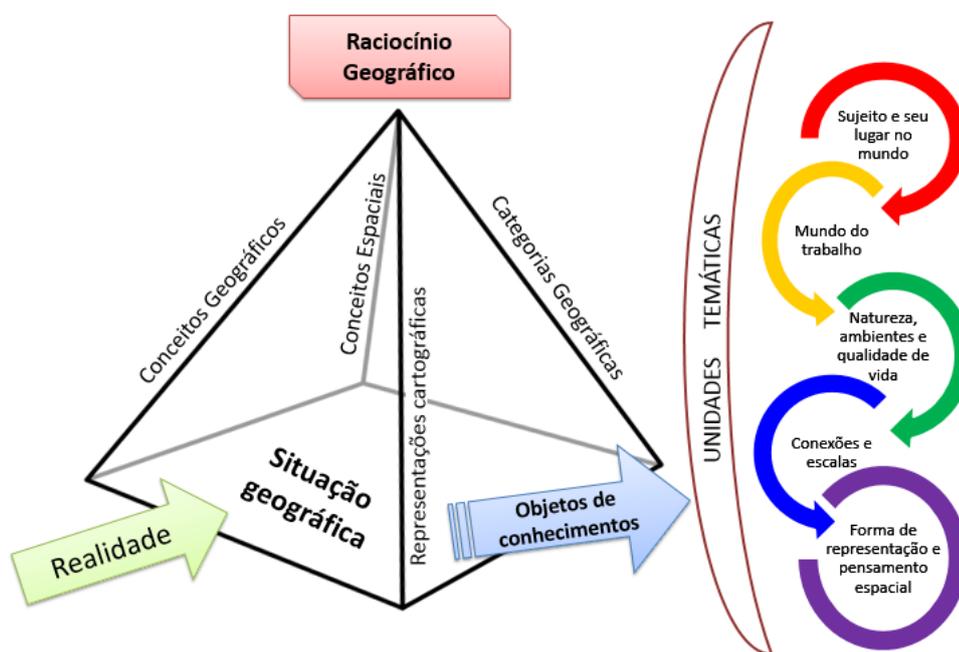
[...] a competência associa-se à conjugação dos diversos saberes mobilizados pelo indivíduo (saber, saber-fazer e saber-ser) na realização de uma atividade. Ela faz apelo não somente aos seus conhecimentos formais, mas à toda gama de aprendizagens interiorizadas nas experiências vividas, que constituíram sua própria subjetividade (RAMOS, 2001 *apud* CRUZ, 2001, p. 27).

Desse modo, são as competências que sugerem a mobilização dos conteúdos ou objetos de conhecimentos que orientam tanto os professores no ensino quanto os estudantes em sua formação.

Os conteúdos, ou aquilo que assume o protagonismo em uma aula, são derivados das habilidades e não dos objetos de conhecimentos. O componente curricular de Geografia está dividido na BNCC em cinco unidades temáticas (O sujeito e seu lugar no mundo, Conexões e escalas, Mundo do trabalho, Formas de representação e pensamento espacial, e Natureza, ambientes e qualidade de vida) que são comuns ao longo do Ensino Fundamental e estão dispostos em um total de 67 habilidades. O que está oculto e não se revela numa leitura apressada na BNCC são os temas e conteúdos. Uma habilidade contém uma quantidade incontável de possibilidades de temas e conteúdos, e estes aparecem em sala de aula a partir de situações geográficas que operam a partir de eventos. O que ensinamos em sala de aula deve partir de uma situação geográfica que irá revelar um evento a ser estudado e a partir deste a reflexão será norteadada por compreender, relacionar, localizar processos e fenômenos. O desenvolvimento do raciocínio geográfico é promovido por uma situação geográfica. Uma aula orientada por uma habilidade pode conter diversas situações geográficas, cabe ao professor escolher a mais apropriada.

A BNCC (BRASIL, 2018) apresenta, ainda que não aprofunde, a concepção de raciocínio geográfico com intuito de fundamentar os lastros teóricos e metodológicos do estatuto epistemológico. Castellar, Pereira e Guimarães (2021) aprofundam as bases do conhecimento poderoso da Geografia no currículo brasileiro a partir dos aportes do raciocínio conforme síntese apresentada na Figura 1.

Figura 1 - Pirâmide do conhecimento geográfico na BNCC



Fonte: Castellar, Pereira e Guimarães (2021, p. 21) e adaptado pelas autoras

Conforme Castellar, Pereira e Guimarães (2021), o desenvolvimento de um determinado conteúdo e dos procedimentos tem como ponto de partida a análise de uma situação geográfica que deriva da realidade e está associada às unidades temáticas. Trabalhar a partir da orientação da situação geográfica exige a compreensão da relação das características do meio físico natural com a sociedade em todas as suas dimensões (cultural, econômica, política, social) a partir dos princípios geográficos (localização, extensão, conexão, causalidade, analogia, diferenciação, distribuição, arranjo e ordem), resultando no raciocínio geográfico.

A situação geográfica não é apenas um recorte do território, ou da realidade, mas uma área contínua, onde também se estabelecem um conjunto de relações (SILVEIRA, 1999). A situação geográfica permite compreender um determinado evento que advém da realidade.

De acordo com Duarte (2017), ao utilizar os conceitos espaciais e associá-los aos instrumentos de representações que são as imagens que representam os fenômenos diversos que ocorrem na superfície terrestre, os estudantes estarão desenvolvendo as habilidades propostas pela BNCC, e serão capazes de se localizarem no mundo, compreender seu local de vivência e as relações que existem entre o homem e a natureza, desenvolvendo, assim, o raciocínio geográfico.

A BNCC (BRASIL, 2018) pontua que para o 6º ano devem ser trabalhados conteúdos relacionados ao reconhecimento das identidades socioculturais, dos lugares de vivência, dos elementos naturais, físicos e sociais responsáveis pelas significativas transformações e pela produção do espaço geográfico. Vejamos como as imagens podem promover situações geográficas para o atendimento do que é esperado para este nível de ensino.

O uso de imagens para a compreensão do espaço geográfico

A representação do espaço geográfico através de imagens se dá de diversas formas em materiais didáticos, através de mapas, fotografias, vídeos, gráficos, imagem de satélite, histórias em quadrinhos, entre outras, que evidenciam a importância do seu uso como recurso didático no processo de ensino e aprendizagem.

Cabe ressaltar que o pressuposto para o processo de ensino e aprendizagem é a problematização, e as imagens podem exercer uma tarefa de facilitar e promover a comunicação e a reflexão de diferentes formas, como, por exemplo, o exercício da leitura da linguagem visual que pode conduzir os estudantes ao exercício da observação, da análise e interpretação dos processos inerentes aos eventos e fenômenos que se materializam no espaço.

Para Martins (2010), a imagem apresenta uma complexidade e multiplicidade de sentidos, visto que ela não pode ser caracterizada apenas pelo que se vê, pois sua visualização exige de nós um pensamento que nos leva a recorrer às nossas memórias e conhecimentos adquiridos. Nesse sentido, Gomes (2013) afirma que nossa visibilidade está diretamente relacionada com o que é visto no espaço.

Sendo assim, ao observar imagens que representam fenômenos podemos questionar: onde ocorre? porque tais fenômenos estão ali localizados? como e porque estão representados dessa maneira? e quais as consequências que podem ser observadas no espaço? São muitas questões que podemos direcionar ao evento ou fenômeno representado que ajudarão a compreender os processos geográficos estudados e que irão orientar a leitura geográfica do mundo e contribuir para o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Ribeiro (2013) considera que, ao analisar e questionar as transformações que ocorrem no espaço geográfico, representadas em uma imagem, por fenômenos naturais ou pela ação antrópica, por si faz surgir a Geografia. Logo, na escola, o professor pode se utilizar de imagens para instigar o estudante a observar e levantar hipóteses sobre o que está diante dos seus olhos, possibilitando assim uma leitura de mundo.

Castellar e Vilhena (2011, p. 87) afirmam que:

Ensinar a ler em Geografia significa criar condições para que o estudante leia o espaço vivido, tendo em vista que, ensinar a ler o mundo é um processo que se inicia quando com o reconhecimento dos lugares identificando-os. Nessa perspectiva, observar, registrar e analisar são processos relacionados com o significado de ler e entender, desde os lugares de vivência até aqueles que são concebidos por ela, dando significados às paisagens observadas, pois na leitura se atribui sentido ao que está escrito.

Portanto, o uso de imagens no ensino de Geografia é indispensável ao processo de ensino e aprendizagem, dada a potência que a representação visual contém.

Para a compreensão dos lugares é necessário compreender os eventos no contexto geográfico, “o lugar é o depositário final, obrigatório, do evento” (SANTOS, 2017, p. 144). O evento se torna um importante conceito para compreensão dos lugares e, conseqüentemente, do mundo. Não existe conhecimento do mundo sem o conhecimento do lugar, como também não existe conhecimento do lugar, sem considerar o mundo. É nesse sentido que Santos (2013, p. 169) afirma “em cada situação se inclui uma rede dinâmica, estruturada, à escala do mundo e à escala dos lugares”. As imagens são portadoras de sentido geográfico quando relacionadas a uma situação geográfica problematizada a partir da orientação de uma habilidade. Vejamos como as imagens podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem geográfica do 6º ano.

As imagens do livro didático de Geografia e as habilidades para o 6º ano

A fotografia é definida por Freisleben e Kaercher (2020, p. 51) como “uma representação que possibilita registrar, ver e interpretar o mundo. É um instrumento de conhecimento ao fornecer informações sobre objetos, lugares e pessoas, em formas visuais tão diversas”.

No ensino da Geografia, a fotografia pode ser utilizada como um objeto de leitura e interpretação dos eventos dispostos no espaço. Com ela é possível, por exemplo, observar, analisar e interpretar um determinado lugar, além de permitir conhecer e identificar os elementos de um evento ou fenômeno estudado.

No 6º ano, as imagens fotográficas apresentam as transformações das paisagens e dos lugares em diferentes tempos, tanto por processos naturais quanto pela ação antrópica. A imagem da Figura 2 evidencia uma área urbana transformada pela ação da natureza e pela ação humana. A imagem representa o espaço geográfico a partir de um sistema de objetos e ações que não se revela de imediato e carece no processo de mediação de questões que conduzam os estudantes a perceberem o evento e reconhecer os objetos e as ações. A partir das informações da legenda, é possível identificar que o deslizamento de terra ocorreu em Lai Chau, no Vietnã, em 2018.

10

Figura 2 - Imagem fotográfica: A ação do homem e da natureza transformando a paisagem urbana.

A fotografia ao lado mostra uma área onde a força e a grande quantidade de água da chuva provocaram um deslizamento de terra, em Lai Chau, Vietnã, 2018.



Esta fotografia mostra uma área do município de Coquimbo, Chile, após a ocorrência de um tsunami, 2015.

Tornado: grandes redemoinhos de ventos que se formam em áreas continentais de baixa pressão atmosférica. Os ventos de um tornado podem alcançar até 500 quilômetros por hora.

Tsunami: onda marítima gigante que é formada em decorrência de tremores ocorridos no fundo dos oceanos. Esse tipo de onda pode atingir até 30 metros de altura.



26

Fonte: TORREZANI, 2018, p. 26.

Santos (1996, p. 64) afirma que “a paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela que ainda não foi mudada pelo esforço humano”.

Assim entendemos que, na primeira imagem, os elementos naturais são: a montanha, a vegetação, o solo, e a chuva. E, como elementos culturais que compõem o sistema de ações humanas, observamos a presença de máquinas e entulhos de casas destruídas pela ocorrência do deslizamento de terras, que são “fenômenos provocados pelo escorregamento de materiais sólidos, como solos, rochas, vegetação e/ou material de construção ao longo de terrenos inclinados, denominados de encostas, pendentes ou escarpas” (CASTRO, 2003, p. 108).

A segunda imagem, ainda presente na Figura 2, representa outra transformação da paisagem na área urbana. A legenda da fotografia informa que correu um tsunami no município de Coquimbo, no Chile, em 2015. Nessa fotografia identificamos destroços urbanos como rachaduras na pavimentação asfáltica, rede de eletricidade, barcos, comércios, e algumas pessoas que estão compondo a paisagem. O livro didático trata das categorias paisagem e lugar, apresentando imagens compostas pela transformação dos elementos naturais e culturais, impactos com causas e consequências, provocados pela dinâmica tanto da natureza, quanto pela interferência humana com construções em locais inapropriados, que transformam o espaço e condicionam a destruição dessas construções através da ocorrência dos fenômenos naturais.

De acordo com Castro (2003, p. 94) “os tsunamis ocorrem quando os vagalhões produzidos pelos maremotos atingem as plataformas continentais e as áreas de mares-abrigados a pouco profundos, como baías, portos e ancoradouros”. Com a ocorrência dos tsunamis a sociedade sofre grandes danos em suas instalações e embarcações que ficam ancoradas próximas ao litoral. A esse respeito, Rodriguez *et. al* (2017, p.155) pontuam que, “o homem não modifica as leis da natureza, mas transforma de maneira significativa as condições de sua manifestação”. Ao construir instalações em locais impróprios o homem transforma e aumenta as chances de manifestação dos fenômenos naturais.

Portanto, a partir as imagens fotográficas da Figura 2 é possível, no contexto escolar, desenvolver as habilidades “(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos”; “(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades”; e “(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na

distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo” (BRASIL, 2018, p.385).

Ao reconhecer que é a partir das modificações das paisagens nos lugares de vivência e da relação do homem com a natureza que o espaço sofre interferência e transformações, o estudante poderá analisar as modificações de diferentes paisagens, entender as distintas interações do homem com o meio, explicar que as mudanças nas paisagens e lugares da Figura 2 são fruto do surgimento e crescimento desordenado das cidades e ocupação de áreas de risco e contribuem para transformação do espaço geográfico. Para o desenvolvimento desta habilidade poderia ser proposta uma situação geográfica a partir de questões como: Quais impactos socioambientais podem ser observados nas imagens? Quais ações humanas podem contribuir para evitar os desastres representados (relação)? Que outros eventos mundiais tiveram características semelhantes (analogia)? Em que medida os desastres naturais impactam a paisagem (extensão)? Isto porque, o processo de aprendizagem geográfica e, sobretudo, o desenvolvimento do raciocínio geográfico é iniciado por uma problematização, por uma situação geográfica que pode ser promovida a partir da problematização de uma imagem que evidencia um fenômeno ou evento e que revela processos geográficos.

As imagens da Figura 3 retratam diferentes tipos de trabalhos e técnicas realizadas pelo homem para suprir necessidades humanas e que transformam os lugares. Transformações que são relacionadas diretamente pelo conhecimento técnico de determinada sociedade e que são ampliados ao longo do tempo por técnicas e instrumentos de trabalho. Pelas fotografias percebemos alguns elementos naturais como montanhas e vegetação, e muitos elementos culturais do sistema de ações como a agricultura (terra trabalhada pela ação humana), construções de casas, edificações e veículos. E em todas as imagens há a presença humana.

De acordo com Santos (1996), a paisagem não se mantém imutável para sempre, mas muda constantemente em função das ações que ela sofre pelo trabalho e pela técnica utilizada pela ação humana. Santos (1996) afirma que trabalho morto pode ser compreendido como a paisagem cristalizada pelo tempo com os elementos naturais e artificiais. A urbanização demanda necessidades de transformação da paisagem com objetos: casas, prédios, estradas, lojas, áreas de lazer, shoppings, entre outros.

Figura 3 - Imagens fotográficas: Transformações das paisagens pelas técnicas.

O trabalho, as técnicas e as transformações das paisagens

Observe as imagens a seguir.



Agricultor trabalhando em horta no município de Navirai (MS), 2018.



Pedreiros trabalhando em construção no município de Silva Jardim (RJ), 2018.



Engenheiros analisando a planta de uma obra em Saint Louis, Estado Unidos, 2018.



Coletores de lixo trabalhando em uma rua de Kajang, Malásia, 2018.

Fonte: TORREZANI, 2018, p. 29.

Nesta perspectiva, para Silveira (2004, p. 92) “O lugar surge como o reino da superposição de vetores e rugosidades, onde o acontecer tem uma extensão e uma densidade.” O acontecer para Silveira (2004) pode ser compreendido na definição de Santos (2017, p. 95) para evento enquanto “[...] resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função o meio preexistente”. Pensando no evento e na sua importância para a Geografia, sobretudo porque o evento é essencial para a compreensão do mundo, do país e dos lugares.

Se consideramos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo. Mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerados esse país, essa região, esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo (SANTOS, 2017, p. 144).

Santos (2017) destaca a existência de categorias internas e de processos externos ao espaço enquanto fundamentos do método geográfico para compreensão dos eventos. As categorias internas são compreendidas por: paisagem, configuração territorial, divisão do trabalho, espaço produtivo, rugosidades e as formas-conteúdos. E sobre os processos básicos

externos ao espaço destacam-se: objetos, técnica, ação, norma e eventos, universalidade e particularidade, totalidade e totalização, temporalização e temporalidade, dentre outros.

Através das quatro imagens da Figura 3, é possível criar situações geográficas para desenvolver as habilidades “(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização”; e “(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades” (BRASIL, 2018, p. 385).

As questões que podem conduzir a situação geográfica na aula podem ser derivadas das problemáticas: De que maneira as técnicas alteram a paisagem? O processo de transformação da paisagem observado nas imagens é motivado por quais interesses? Que relações sociais podem ser identificadas nas imagens que impactam as mudanças na paisagem? Que eventos promovem as mudanças da paisagem? Porque estes eventos ocorrem? A quem interessam e quem se beneficiam?

As imagens podem promover questões para reflexão geográfica a partir das habilidades que se deseja trabalhar. Note-se que uma imagem pode suscitar muitas questões e toda a problematização caminha na estrada da leitura geográfica do espaço, procurando compreender, identificar e relacionar os sistemas de ações e o sistema de objetos que compõem o espaço geográfico.

As imagens da Figura 4 revelam uma prevalência de elementos naturais e de sua relação com o clima, solo, relevo, água, temperatura entre outros, que estabelecem influências determinantes entre si.

Oliveira e Galvani (2015, p. 134) destacam que:

O relevo é um controle geográfico que atua na diversificação dos tipos de clima, podendo influenciar diretamente nos aspectos da paisagem. Em relação à ação do relevo, podem-se destacar quatro atributos de atuação: a posição ou disposição geral do relevo; orientação e forma de vertentes; declividade e altitude.

A ação do relevo especificado por Oliveira e Galvani (2015) na citação nos leva a entender que os fatores de atuação na diversificação do relevo vão depender do arranjo espacial de cada lugar, influenciando na formação das paisagens e na forma de atuação e comportamento dos fenômenos como estão representados pelas imagens da Figura 4.

Figura 4 - Imagens fotográficas - Os elementos naturais das paisagens.



Nessa paisagem, as águas do rio Iguaçu correm sobre gigantescos degraus de rochas, formando várias quedas-d'água.

A fotografia ao lado mostra a relação entre hidrografia e relevo na paisagem das Cataratas do Iguaçu, localizadas na fronteira entre o Brasil e a Argentina, 2018.



Nessa paisagem, os ventos deslocam constantemente os grãos de areia e transformam continuamente o relevo de dunas.

A interdependência de clima e relevo pode ser verificada na paisagem de deserto em Dubai, Emirados Árabes Unidos, 2017.



As águas do mar desgastam as formações rochosas litorâneas e lançam sedimentos contra esses paredões, o que modifica gradativamente o relevo litorâneo.

A relação entre as águas do mar e o relevo pode ser vista na paisagem mostrada ao lado, que apresenta falésias localizadas em uma praia de Porto Seguro (BA), 2017.

Fonte: TORREZANI, 2018, p. 174.

A primeira imagem da Figura 4 representa uma paisagem com um relevo acidentado, com quedas d'água, vegetação preservada pela ação humana, visto que se trata de um parque nacional com um conjunto de quedas d'água – a legenda informa, que a imagem é das Cataratas do rio Iguaçu, localizado entre o Brasil e a Argentina.

Christofoletti (1980, p. 52) conceitua quedas d'água como um “local onde a água do rio cai de maneira subvertical, descolando-se da rocha do leito [...] cataratas e cachoeiras são usados como termos sinônimos, diferenciando-se de rápidos e corredeiras”. Como podemos observar, as características presentes na imagem das cataratas representa uma grande quantidade de água que descola do relevo acidentado e formam as cachoeiras.

Pela legenda da segunda paisagem, entendemos que o que está representado se trata do deserto em Dubai, Emirados Árabes Unidos, onde reconhecemos o ambiente desértico e, portanto, com clima seco e quente. O relevo é formado por grandes acúmulos de areias chamadas de dunas que, segundo Amaral (1999, *apud* SADECK, 2011, p. 21), “são elevações

de forma regular e características resultantes de uma deposição contínua de partículas diárias transportadas pelo vento. Elas se formam a partir de um obstáculo onde os ventos possuem a capacidade de transportar areias”. Diante da abordagem da autora, é possível verificar a direção dos ventos que formaram as dunas no deserto de Dubai alterando significativamente a paisagem.

Na terceira imagem da Figura 4, notamos que é uma área litorânea com presença de rochas e vegetação. Pela legenda somos informados que a imagem mostra falésias localizadas em uma praia de Porto Seguro (BA) registradas em 2017. De acordo com Christofolletti (1980, p. 13):

[...] A falésia é um ressalto não coberto pela vegetação, com declividades muito acentuadas e de alturas variadas, localizado na linha de contato entre a terra e o mar. À medida que a falésia vai recuando para o continente, amplia-se a superfície erodida pelas ondas que é chamada de terraço de abrasão. Os sedimentos erodidos das falésias são depositados em águas mais profundas, constituindo o terraço da construção marinha, e formando um plano suavemente inclinado em conjunto com o terraço de abrasão.

Pela descrição da dinâmica das falésias entendemos que há uma relação entre sua formação no relevo litorâneo e o movimento das águas do mar, sendo as falésias um dos fenômenos naturais que compõem uma paisagem litorânea.

As imagens da Figura 4 representam interações de elementos físicos naturais com transformações e intervenções da ação humana e por isso caracterizam o espaço geográfico. Por meio da combinação do dinamismo dos elementos representados nessas imagens e dos conceitos de relevo, cachoeiras, dunas e falésias é possível desenvolver a habilidade “(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo” (BRASIL, 2018, p. 385).

De que maneira a ação humana é identificada nas imagens? Porque estes lugares sofreram transformações na paisagem? Quais alterações foram realizadas nestes lugares para que a configuração territorial tivesse as definições representadas na imagem? Porque foram realizadas transformações na paisagem destes lugares? Qual a extensão das mudanças? Quais os impactos socioambientais das transformações? – São algumas questões que poderiam ser realizadas em sala de aula para promover uma situação geográfica com as imagens e assim contribuir para o desenvolvimento da habilidade.

A imagem da Figura 5 apresenta duas paisagens com atividades agrícolas, na área rural, que, embora possuam elementos naturais, são cultivadas pelo trabalho humano e por isso se constituem em um evento que caracteriza o espaço geográfico estudado nesta unidade.

A primeira imagem mostra a técnica de plantio em uma área plana em curvas de nível em Londrina (PR), e a segunda mostra uma paisagem em uma área de relevo acidentado, com a técnica de terraceamento no Vietnã. Ambas imagens são de 2017.

Figura 5 - Imagens fotográficas - Transformações das paisagens pelo trabalho humano.



Fonte: TORREZANI, 2018, p. 186.

Em ambas as imagens fotográficas da Figura 5 podemos observar como os elementos da natureza (relevo e clima) influenciam no desenvolvimento da agricultura pela técnica humana e transformam os lugares.

O relevo e o clima são condicionantes naturais que influenciam no tipo de técnica utilizada na agricultura e, portanto, as técnicas de curvas de nível e terraços são muito importantes porque auxiliam na redução do carreamento dos nutrientes e partículas de solo das partes baixas do terreno para os rios, o que nos mostra que há uma relação de interdependência entre a altitude do relevo e a vegetação.

Dessa forma, as imagens fotográficas da Figura 5 possibilitam o desenvolvimento das habilidades “(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo

trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização”; e “(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares” (BRASIL, 2018, p. 385).

A Geografia que já é uma disciplina considerada visual pela presença dos mapas, sempre se apoiou no uso de diferentes linguagens, e as imagens fotográficas, assim como outros tipos de imagens, inovam e potencializam o processo de ensino e aprendizagem de Geografia, veiculando o estudo do espaço e fornecendo informações imprescindíveis a partir de sua análise e interpretação, que possibilitam problematizar temas presentes nas habilidades para o desenvolvimento do raciocínio geográfico e as habilidades presentes no currículo.

Uma imagem seja ela fotografia, mapa, gráfico, charge ou qualquer outra, tem um potencial imenso para problematizar uma situação geográfica e a partir dela questionar os estudantes conduzindo-os pelas questões a uma investigação do espaço geográfico.

A Geografia é responsável por apresentar aos estudantes ao longo da educação básica o mundo a partir dos lugares. A educação geográfica revela uma leitura de mundo a partir de eventos, fenômenos e processos que materializam o espaço geográfico tornando-o mais real e palatável para o ensino.

O mundo só existe nos lugares, pois a história se constrói nos lugares. Entre essas possibilidades e esses existentes concretos temos os eventos. São os eventos que transformam as possibilidades em existentes, mas os eventos não são alheios nem indiferentes ao que existe. Não há evento sem objeto, não há evento sem ator. Quando uma corporação global escolhe uma cidade para instalar uma fábrica, está produzindo um evento a partir de um conjunto de possibilidades e escolhendo o que ali existe. Por isso, o evento é o veículo da história, produz a existência. E o evento surge do casamento entre o que é possível e o que existe [...]. Os eventos transformam as essências e possibilidades em qualidades e quantidades num lugar determinado. São os eventos que operam a metamorfose entre possibilidade e existência (SILVEIRA, 2006, p. 88).

Pode-se, de um modo geral, dizer que a existência humana está vinculada aos lugares a partir da ocorrência de eventos. E são as possibilidades de estudar os eventos, processos e fenômenos que se revelam em situações geográficas que tornam mais próximo o mundo e a realidade do ensino de Geografia. Os eventos estudados em situações geográficas revelam o mundo e os lugares, e permitem construir arranjos cognitivos para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, e esta é a função precípua da educação geográfica: promover espaços

de reflexão ancorados em situações geográficas que permitam compreender nos eventos, as relações e os processos entre a ação humana e o sistema de objetos.

Considerações finais

O evento revela uma mudança, uma transformação do lugar e, conseqüentemente, da paisagem. E toda mudança é seletiva e por isso precisa ser estudada no contexto histórico e geográfico. Um evento não impacta todos os lugares ao mesmo tempo, porque se realiza de forma desigual, sobretudo no atual período técnico-científico-informacional.

Segundo Silveira (1993, p. 204) “o lugar não é um fragmento, é a própria totalidade em movimento que, através do evento, se afirma e se nega, modelando um subespaço do espaço global”. Por isso prevalece a máxima “miltoniana” de que lugar e evento são indissociáveis. Ao se investigar um evento estuda-se um lugar, ao estudar um evento compreende-se o espaço geográfico.

Nas atuais condições do período técnico-científico-informacional, o mundo nos impõe um feixe de eventos que acabam por configurar os lugares. Segundo Silveira (1999), pode-se definir a situação geográfica a partir de um conjunto de eventos. Nas palavras de Silveira (1999, p. 22) “a ideia de situação que propomos discutir aqui é vinculada à noção de evento”.

A proposta do presente artigo foi lançar possibilidades de reflexão para a educação geográfica com o uso de imagens, a partir do desenvolvimento de situações geográficas ancoradas em habilidades propostas pela BNCC para o 6º ano.

O livro didático e as imagens nele presentes possuem grande importância e representatividade no processo de ensino e aprendizagem, visto que as imagens são fundamentais na observação da realidade, associação, relação, conexão, analogia e compreensão de conceitos, fundamentos e categorias que compõem os princípios do raciocínio geográfico.

O ensino por problematização conduz o estudo a uma investigação, e o que pode torná-la geográfica é a construção de uma situação geográfica para a sala de aula. A base da argumentação geográfica advém dos princípios do raciocínio geográfico que é composto por categorias geográficas, conceitos espaciais, conceitos geográficos e representação (CASTELLAR; PEREIRA; GUIMARÃES, 2021).

A situação geográfica é uma poderosa ferramenta metodológica para o ensino e aprendizagem do conhecimento geográfico. Com isso, tanto o ensino por investigação, por

problematização, quanto o ensino por argumentação contribuem para construção do raciocínio geográfico se vinculados aos conceitos e categorias da ciência geográfica.

A aprendizagem geográfica, por meio de imagens, como as fotografias, tem um importante papel como recurso metodológico para uma leitura de mundo e o entendimento sobre o espaço geográfico. Defendemos, portanto, que se faça uso das imagens nos livros didáticos problematizando-as.

Referências

BARBOSA, Maria Edivani Silva. A Geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades. *Revista de Ensino de Geografia*, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 82-113, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistaensinoGeografia.ig.ufu.br/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a Geografia? muda o ensino? *Revista Terra Livre*, São Paulo, n. 16, p. 133-152, 2001. Disponível em: <http://agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/viewFile/353/335>. Acesso em: 19 abr. 2022.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA Jerusa. *Ensino de Geografia: o uso de diferentes linguagens em sala de aula*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. Raciocínio geográfico e a teoria do reconhecimento na formação do professor de Geografia. *Signos Geográficos, Boletim NEPEG de Ensino de Geografia*, Goiânia. v.1, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/signos/article/view/59197>. Acesso em: 19 abr. 2022.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch; GUIMARÃES, Raul Borges. For a powerful geography in the brazilian national curriculum. In: CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; GARRIDO-PEREIRA, Marcelo. LACHE, Nubia Moreno. (org.) *Geographical reasoning and learning: perspectives on curriculum and cartography from South America*. Switzerland: Springer, 2021. p. 15-31.

CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de. Manual de desastres: desastres naturais. Brasília. SEDEC, MIR, 2003. Disponível em: https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosDefesaCivil/ArquivosPDF/publicacoes/Desastres_Naturais_VolI.pdf. Acesso em: 25 mar. 2015.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Geomorfologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edgard Blücher, 1980.

CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. *Competências e habilidades: da proposta à prática*. Coleção fazer e transformar. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

DUARTE, Ronaldo Goulart. A linguagem cartográfica como suporte ao desenvolvimento do pensamento espacial dos alunos na educação básica. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 7, p. 187-206, 2017. Disponível em <https://revistaedugeo.com.br/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

FREISLEBEN, Alcimar Paulo; KAERCHEER, Nestor André. Por um ensino de Geografia questionador e reflexivo utilizando fotografias do livro didático. *Ciência Geográfica - Bauru - XXIV* - v. 24, n. 1, p. 82-95, jan./dez. 2020. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxiv_1-06.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *O lugar do olhar: elementos para uma Geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

KANASHIRO, Cintia Shukusawa. *Livro didático de Geografia: PNLD, materialidade e uso na sala de aula*. 2018. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-07052009-155915/publico/657646.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

KOZEL, Salete. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. *Revista Geograficidade.*, v.3, Número Especial, p. 58-70, Primavera 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4734899.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MARTINS, Célia. *A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética: Apontamentos sobre a fotografia vencedora do World Press Photo*. 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica-como-umaforma-de-comunicacao.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MORAIS, Clarissa Imlau de. *Olhar entre as páginas: o consumismo nos livros didáticos de Geografia*. 2014. 84 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: https://silo.tips/queue/olhar-entre-as-paginas-o-consumismo-nos-livros-didaticos-de-Geografia?&queue_id=1&v=1604077922&u=MTcwLjE1MC4xMzkuMTM1. Acesso em: 19 abr. 2022.

MOURA, Jaciara Araújo de. *O ensino de Geografia a partir das imagens dos livros didáticos anos finais do ensino fundamental*. 2022. 184 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022.

OLIVEIRA, Maria Rita Pelegrin de; GALVANI, Emerson. Avaliação do efeito orográfico na variação das precipitações no perfil longitudinal Paraty (RJ) e Campos do Jordão (SP). *Entre-Lugar*, Dourados, ano 6, n.11, 1 sem. 2015. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/viewFile/5157/2663>. Acesso em: 19 abr. 2022.

RIBEIRO, Roberto Souza. *Geografia e imagem: a foto-sequência como metodologia participativa no 9º ano do ensino fundamental de Geografia*. 2013, 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122679/323924.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 abr. 2022.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo; SILVA, Edson Vicente; CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. *Geoecologia das Paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental*. 5. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2017. Disponível em:
http://www.ppgGeografia.ufc.br/images/documentos/043710J_MIOLO_Geoecologia.pdf. Acesso em dezembro de 2020.

ROSA, Claudia do Carmo. Geografia escolar e as recontextualizações dos conteúdos geográficos. In: FÓRUM NACIONAL NEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA, 9., 2018, Caldas Novas. *Anais do [...]*. Goiânia: Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica, n. 3. 2018, p. 382-390. Disponível em:
http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/GT2_22_Geografia-escolar-e-as-recontextualiza%C3%A7%C3%B5es-dos-conte%C3%BAdos-geogr%C3%A1ficos.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

SADECK, Louise Domicioli Bernardino. *Ventos: processos naturais e geração de energia*. 2011. Monografia (Pós Graduação Lato Sensu em Gestão Ambiental) – Instituto a Vez do Mestre, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:
http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k216434.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. 9. reimpr. São Paulo: Edusp, 2017.

SILVEIRA, Maria Laura. Totalidade e fragmentação: o espaço global, o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino. In SANTOS, Milton *et al.* *Fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 342.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. *Revista Território*, v. 6, n. 6, p. 21-28, 1999. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5703428/mod_resource/content/0/Texto6a_%20Maria%20Laura%20situa%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

SILVEIRA, María Laura. Escala geográfica: da ação ao império? *Revista Terra Livre*. Goiânia, ano 20, v. 2, n. 23, p. 87-96, jul./dez. 2004.

SILVEIRA, María Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 81-91, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73991> Acesso em: 19 abr. 2022.

TORREZANI, Neiva Camargo. *Vontade de saber Geografia: Geografia 6º ano: ensino fundamental: anos finais*. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Professora Associada do curso de Geografia (licenciatura/bacharelado) da Universidade Federal do Tocantins campus de Porto Nacional desde 2005. Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (2000), mestrado em Geografia pela UNESP Presidente Prudente (2004), e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2013). Atualmente é coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Metodologias e Práticas de Ensino de Geografia (LEGEO) na Universidade Federal do Tocantins. É membro do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG) da Universidade Federal de Goiás, e, da Rede Latino-americana de Investigação em Didática da Geografia (REDLADGEO). É editora da Revista Brasileira de Educação em Geografia e membro do conselho consultivo e revisora de outros periódicos da área. Possui pesquisas nas áreas de Formação de Professores, Educação Geográfica, e, Estudos Culturais, além de ser autora de vários artigos publicados em periódicos da área de Geografia.

Endereço Profissional: Rua 03, Quadra 17, Lote 11, S/N - Jardim do Ipês I, Porto Nacional - TO, 77500-000.

E-mail: carolinamachado@uft.edu.br

Jaciara Araújo de Moura

Graduada em Geografia Bacharelado pela Universidade Federal do Tocantins (2014). Pós - Graduada em Educação e Gestão Ambiental pela Faculdade Suldamérica (2015). Graduada em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal do Tocantins (2019). Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (2022). Graduada em Pedagogia pela UniCesumar (2022).

Endereço Profissional: Rua 03, Quadra 17, Lote 11, S/N - Jardim do Ipês I, Porto Nacional - TO, 77500-000.

E-mail: jaciaraujo007@hotmail.com

Recebido para publicação em 21 de abril de 2022.
Aprovado para publicação em 08 de setembro de 2022.
Publicado em 09 de setembro de 2022.